

## AS ARENAS CONTEMPORÂNEAS COMO PARADIGMAS DAS PRÁTICAS TORCEDORAS, O CASO DO DISPOSITIVO ARENA MRV

Gabriela Lopes Gomes 

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é discutir o fenômeno da arenaização dos estádios, considerando as arenas de futebol como dispositivos de comunicação, analisando o potencial desses espaços de gerar hiperestímulos aos torcedores e, conseqüentemente, alterar as dinâmicas outrora vivenciadas nas arquibancadas em prol de uma maximização de lucros. Para tal, debate-se o conceito de “dispositivo” a partir de Michel Foucault, articulando o termo a discussões pautadas por pesquisadores da comunicação, como Braga e Melgaço. O estudo faz parte de pesquisa de dissertação mais ampla que analisa a Arena MRV como dispositivo de hiperexcitação controlada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dispositivo. Arenas de futebol. Arena MRV.

### CONTEMPORARY ARENAS AS PARADIGMS OF FAN PRACTICES, THE CASE OF THE MRV ARENA DEVICE

**ABSTRACT:** The objective of this article is to discuss the phenomenon of stadium arenaization, considering football arenas as communication devices, analyzing the potential of these spaces to generate hyperstimulation for fans and, consequently, change the dynamics previously experienced in the stands in favor of maximizing profits. To this end, the concept of “device” is discussed based on Michel Foucault, linking the term to discussions guided by communication researchers, such as Braga and Melgaço. The study is part of a broader dissertation research that analyzes the MRV Arena as a device of controlled hyperstimulation.

**KEYWORDS:** Device. Soccer arenas. MRV Arena.

### LOS ESTADIOS CONTEMPORÁNEOS COMO PARADIGMAS DE LAS PRÁCTICAS DE LOS AFICIONADOS, EL CASO DEL DISPOSITIVO MRV ARENA

**RESUMEN:** El objetivo de este artículo es discutir el fenómeno de la arenaización de los estadios, considerando los estadios de fútbol como dispositivos de comunicación, analizando el potencial de estos espacios para generar hiperestimulación en los aficionados y, en consecuencia, alterar las dinámicas vividas previamente en las gradas en favor de la maximización de ganancias. Para ello, se debate el concepto de “dispositivo” desde Michel Foucault, articulando el término a discusiones guiadas por investigadores de la comunicación, como Braga y Melgaço. El estudio es parte de una investigación de tesis más amplia que analiza Arena MRV como un dispositivo de hiperexcitación controlada.

**PALABRAS CLAVE:** Dispositivo. Estadios de fútbol. Arena MRV.

## **Introdução**

Como veremos ao longo deste artigo, elementos técnicos estão sempre em jogo quando abordamos o conceito de dispositivo. No entanto, a questão é que nem sempre um dispositivo envolve o emprego de tecnologias propriamente de informação ou midiáticas, como recorrentemente aparece nos estudos do campo da comunicação.

Neste sentido, é importante lembrar que a primeira vez que Foucault aplica o termo, o faz para pensar o panóptico de Bentham, um tipo de construção que possibilita vigiar sem ser visto, a partir do emprego de uma arquitetura, não necessariamente de técnicas e tecnologias usualmente tomadas como de informação e comunicação, que dispõe agentes distintos em lugares diferentes, bem como organiza o fluxo de informação entre estes agentes.

Sabe-se, no entanto, que a construção de uma arena se dá por meio de técnicas arquitetônicas, de acústica das construções, de materiais e ferramentas de construção que possibilitam a sua existência e potencializam um tipo de experiência esportiva (Marra, 2023) e torcedora do esporte, para além das telas e dispositivos de som que também estão aí presentes.

Isto posto, a proposta aqui apresentada, reconhece que os aparatos técnicos presentes em um dispositivo fazem parte de uma complexa rede de poder, que ora são concebidos pelos próprios dispositivos, ora pelos sujeitos que configuram os dispositivos, a partir da experimentação espacial. Assim, mais do que refletir as arenas como dispositivos, esse estudo se propõe a pensar as arenas como dispositivos de comunicação, atentando-se para o modo como elas articulam regimes que organizam fluxos e trocas de informação, sentidos e sensorialidades no âmbito do esporte moderno, e em sua conexão com os sistemas de exploração econômica capitalista do esporte.

Dessa forma, uma discussão sobre como o termo é articulado por Braga (2020) e Melgaço (2020), cujas perspectivas se alinham em relação

ao campo da comunicação, se faz necessária, posto que, de um lado, Braga (2020) se apropria do conceito foucaultiano para empreender uma visada comunicacional em torno dos dispositivos, considerando-os interacionais por natureza.

Enquanto Melgaço (2020), por sua vez, se alinha a tal ponto de vista, aproximando-nos de um debate sobre a implementação de arranjos disposicionais no universo do esporte, por meio do objeto técnico VAR — tecnologia implementada no futebol com vistas a contribuir para a expansão do uso de inteligências no meio, com fins de auxiliar os principais agentes do espetáculo.

Desse modo, tais interpretações dialogam com o trabalho em questão, visto que os dispositivos, como é o caso das arenas de futebol, vem sofrendo inúmeros rearranjos quando em ação e por meio das intervenções e subversões dos sujeitos, desde o momento em que são empregados e manuseados na vida cotidiana.

A arenização dos estádios, um fenômeno crescente no contexto esportivo mundial, evidencia não apenas um desejo por modernização e conforto das praças esportivas, mas também um estímulo para maximização da experiência espectral dos torcedores.

Desse modo, demandas em torno da segurança, conforto e aumento de receita comercial para as agremiações, assim como arquiteturas tecnológicas e integradas, flexibilidade e multifuncionalidade, além de acessibilidade e sustentabilidade, são algumas das características que compõem as modernas arenas.

Uma promessa de experiência outra portanto, antes não proporcionada pelos antigos estádios, estes que também podem ser enquadrados como dispositivos, embora tenham sofrido amplas transformações e continuidades disposicionais.

Isto significa, que os antigos estádios brasileiros ofereciam uma experiência sensorial menos intimista, tendo em conta que eram mais espaçosas, muitas vezes compostas por pistas olímpicas que separavam a arquibancada do campo de jogo. Hoje, ao contrário, as arenas modernas

oferecem uma experiência sensorial mais intimista e de maior proximidade com o campo, caracterizadas também por serem de menor capacidade e por ofertarem tecnologias integradas que compõem a experiência torcedora, de maior interação e conectividade.

Entretanto, ambos os dispositivos possuem um mesmo objetivo, maximizar a experiência torcedora em torno do lucro, porém de formas distintas. Enquanto as praças antigas visavam a capacidade de geração de ruído e atmosfera fervorosa, as modernas arenas prezam essencialmente por conforto, segurança, tecnologia e multimídia, mantendo-se, todavia, em ambos, a setorização, por exemplo.

Em síntese, é possível observar que há uma continuidade na atribuição básica dos estádios como dispositivos propícios para a prática e consumo do espetáculo, bem como o rompimento de uma temporalidade cotidiana para os sujeitos e cidades.

Todavia, os interesses agora são outros. Isto é, não se trata mais de celebrar primordialmente o esporte e a comunidade, mas, selecionar um público com vistas a um tipo de futebol, o futebol-negócio, cujas lógicas em torno do simbólico, tradições, identidades e direito à cidade estão em conflito. A começar pela construção das arenas, que estão relacionadas a investimentos massivos de parcerias público-privadas, suscitando debates quanto ao uso dos recursos públicos e a manutenção financeira desses espaços a longo prazo.

Além disso, há que se destacar o impacto urbano que as arenas disseminam, gerando conflitos de interesses no que diz respeito ao planejamento das cidades e inclusão social, posto que tais edificações impactam não só o tráfego, mas desencadeiam uma gentrificação das áreas em seu entorno.

Ainda assim, as modernas arenas criam uma espécie de memória nostálgica em relação às antigas praças, dada a conexão histórica entre os estádios, o seu entorno e as identidades ali fabricadas, com especial destaque para atmosfera festiva das arquibancadas e os rituais dos torcedores.

Outrossim, a arenização dos estádios é um demonstrativo da teoria da busca por excitação desenvolvida por Elias e Dunning (2019), dentro de um processo ainda mais amplo, o processo civilizatório da humanidade. Os sociólogos sugerem que o esporte contemporâneo não se restringe mais à uma autêntica observação passiva, e sim à imersão máxima em um ambiente de entretenimento multifacetado.

Embora essas ambiências sejam compostas por regimes de controle, de modo a controlar a excitação, são nesses espaços que os indivíduos são capazes de vivenciar a mais pura subjetividade, ao mesmo tempo que os próprios espaços fornecem ferramentas de hiperestímulos, afim de potencializar a experiência torcedora nas arenas.

Nesse sentido, Gumbrecht (2023) oferece-nos uma perspectiva sobre a concentração do indivíduo diante do espetáculo e a presentificação de rituais de intensidades realizados pelas multidões, identificando os estádios como meios que auxiliam a realização das performances do espetáculo (Marra, 2023).

Quanto à implementação das arenas no contexto brasileiro, ela ocorre mediante a escolha do Brasil como país sede da Copa do Mundo Masculina em 2014, embora, os estádios brasileiros já viessem sofrendo inúmeras mudanças, apontadas por Mascarenhas (2015).

É o caso do estádio Joaquim Américo Guimarães, conhecido popularmente como Arena da Baixada, pertencente ao Club Athletico Paranaense, que passou por reformas antes do início do século, assim como a remoção das chamadas arquibancadas “gerais” do antigo Maracanã e do Beira-Rio, no limiar dos anos 2000.

Por sua vez, a Arena MRV, onde o clube Atlético Mineiro manda seus jogos, objeto deste estudo, localizado na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, é erguida em outro contexto, a chegada e implementação das Sociedades Anônimas do Futebol (SAFs) no país (Brandão *et al.*, 2024).

Desse modo, um novo cenário surge em torno do fenômeno da arenização dos estádios no Brasil, cujo viés está atrelado aos interesses

dos investidores dos clubes e uma visada empreendedorista das grandes cidades (Mascarenhas, 2015), como é o caso de Belo Horizonte.

Este estudo faz parte de pesquisa de dissertação mais ampla, que explora a Arena MRV como dispositivo de hiperexcitação controlada, discute ainda a ambiência comunicativa forjada pelo objeto, a produção e consumo do espaço pelos torcedores.

Por fim, as incursões a campo são realizadas em colaboração com o Coletivo Marta (UFMG) e o GEFuT (UFMG), as expectativas dos torcedores atleticanos em torno da Arena MRV.

### **Comunicação, dispositivos e arenas contemporâneas**

O entendimento de Foucault (1987) sobre o papel dos dispositivos foi constituído a partir da análise do filósofo sobre as formas de punição orquestradas pelas sociedades da Idade Moderna. Se, anteriormente, as punições eram realizadas e legitimadas em praça pública, o poder disciplinar moderno passou a assumir novas configurações: o de corrigir os comportamentos que eram considerados desviantes, com o objetivo de impedir com que houvesse a repetição do delito. A disciplina, então, só seria possível de ser alcançada, mediante o surgimento de mecanismos e dispositivos que garantissem tal objetivo (Foucault, 1987).

Surge, por conseguinte, o panóptico, termo robusto para designar espaços como: a prisão, a escola, a igreja, os hospitais, as fábricas, etc. (Foucault, 1987). Tais espaços possuem como principal característica a vigilância anônima como mecanismo disciplinar, que “invisíveis” àqueles que estão “encarcerados”, passam a ser vigiados mesmo sem saber e, por isso, se comportam de modo a não infringir as regras para não serem punidos (Foucault, 1987).

Desse modo e segundo a perspectiva foucaultiana, um dispositivo é todo arranjo composto e articulado de sistemas sociais, econômicos, políticos, culturais e jurídicos, assim como também à normas,

regulamentações, práticas, protocolos e estruturas arquitetônicas, ferramentas e artefatos tecnológicos.

As arenas de futebol seriam um exemplo de conexão de todos estes aparatos técnicos, arquitetônicos, jurídicos, econômicos, etc., — ainda que tais artefatos tecnológicos não sejam, por si só, dispositivos.

O dispositivo foucaultiano refere-se a “um arranjo de relações material-discursivas”, por isso, não se trata apenas do discurso, mas também das condições materiais e políticas associadas ao termo, como indaga Melgaço (2020).

No entanto, a própria temporalidade do dispositivo arena, seja no momento de sua produção, seja no rearranjo através de reformas arquitetônicas, por exemplo, indicam, na verdade, a venda de um discurso, a implementação disposicional com vistas à um objetivo.

O dispositivo é um composto heterogêneo que se constitui menos pelos elementos que articula do que pelas próprias associações entre estes elementos; é marcado por atualizações em jogos de poder e saber, que respondem a urgências estratégicas (sempre internas ao dispositivo) em determinado tempo-histórico. Desta forma, as associações que produzem um dispositivo, apesar de tendência à estabilização, não estão estabilizadas, não formam uma rede cristalizada. Ao contrário, as associações em rede, ao longo do tempo, são permeadas por tecnologias e políticas em constantes atualizações, reguladoras dos jogos de saber e poder, para responder a urgências estratégicas, de determinado período histórico (Melgaço, 2020, p. 121).

Importa dizer, assim como o faz Braga (2020), que o discurso do dispositivo não é por si só a “verdade”, pois o dispositivo não é, por razão disto, o produtor do espetáculo esportivo, mas que o processo se dá mediante a relação dos aparatos que sustentam e fazem esse dispositivo principal, dispositivo arena, ser desempenhado como manda os rituais que são ali realizados.

Dessa forma, os artefatos seriam para as arenas ferramentas que servem para cristalizar, fixar, operacionalizar e fazer funcionar os diferentes sistemas envolvidos em um dispositivo. Isto é, são a face mais aparente do dispositivo, ocultando todo o resto.

Assim, o que faz o panóptico, a escola, o hospital e a arena serem dispositivos disciplinares é, justamente, a articulação dessas construções a regulamentos, sistemas políticos, práticas e conjuntos de aspirações que enxergam a sociedade como algo a se disciplinar (Foucault, 1987).

Não obstante, como articula Braga (2020, p. 39), “um ‘dispositivo estabelecido’ tem um ângulo disciplinador (no mesmo sentido que a cultura), porém diverso dos processos disciplinares socialmente impostos.”

Por conseguinte, como dialoga Melgaço (2020), os arranjos disposicionais tendem, de forma mútua, a se sustentarem e proverem uma certa manutenção entre si, de modo a criar uma interdependência. Isto é, os arranjos disposicionais dependem do sucesso alheio para serem atualizados.

Desse modo, e por fundamentalmente os objetos técnicos serem heterogêneos, carregam em si “disputas constantes inscritas em suas materialidades e em seus usos possíveis” (Melgaço, 2020, p. 40).

Ademais, esse movimento associativo nos permite desvelar os atravessamentos políticos que organizam os objetos e as suas relações. Em suma, os limites materiais dos objetos são fundamentais para entendê-los, mas os objetos técnicos revelam sua eficácia precisamente ao extrapolarem limitações materiais e se efetivarem em seus usos possíveis – em associações –, dessa forma suas dimensões políticas tornam-se evidentes (Melgaço, 2020, p. 40-41).

Em outras palavras, o que o conceito de dispositivo parece articular, nesse sentido, é que tecnologias articulam e são articuladas pelo social, pelo econômico e pelo cultural e, mediante a isso, os dispositivos tendem a sofrer rearranjos. Esse novo arranjo disposicional está atrelado às maneiras pelas quais os indivíduos associaram essas mudanças a sua realidade.

Segundo Alzamora *et al.* (2018), os dispositivos podem ser vistos “como balizadores, norteadores ou gestores dos arranjos que abrigam e

fazem circular, e não como impositores de modelos ou formas de funcionamento.” (Alzamora *et al.*, 2018, p. 69).

Ou seja, os dispositivos seriam para os autores um ambiente que propicia experiências ou arranjos espaciais que contribuem para o agir dos sujeitos e que não se restringe apenas a prática comunicacional, evidenciando, desse modo, elementos discursivos e não discursivos. Em outros termos, “um arranjo que busca, ao mesmo tempo, gerir as relações e adaptar-se às tentativas interacionais que abriga, evidenciando sua capacidade de adaptação.” (Alzamora *et al.*, 2018, p. 69).

No caso dos estádios de futebol, estes sofreram mudanças importantes, não somente em suas arquiteturas, mas também em seus aparatos técnicos e jurídicos que mediam o esporte.

Em vista disso, as arenas contemporâneas instituíram um novo modelo de estádio, forçando o torcedor a reinterpretá-la, de modo que esses torcedores tiveram suas práticas censuradas e/ou banidas, diante das relações de poder concebidas nestes espaços.

No entanto, tais controles e vigilâncias comparado às antigas praças esportivas não foram alteradas em sua totalidade, mas sim reforçadas, seja por meio de câmeras de vigilância de alta qualidade, seja pela implementação de catracas de reconhecimento facial, criação de programas como sócio torcedor, venda de ingressos online, inserção de tecnologias como o VAR, por exemplo.

Mecanismos adotados com vistas a um novo tipo de espetáculo e que, como consequência ou objetivo, contribuiu também para que o público das modernas arenas fosse reformado, um claro movimento de gentrificação desses espaços de sociabilidade.

A modernização das praças esportivas, portanto, não está atrelada apenas à organização de fluxos informacionais, de sentidos e do sensório, para tornar a experiência torcedora cada vez mais esportorial. Mas também, excluir corpos indesejados, que não fazem parte do público idealizado pelo projeto das arenas.

Tendo em conta que as arenas são ambientes de sociabilidade, formadoras de subjetividades e identidades torcedoras diversas, ao propor interações, é o torcedor o agente potencial da transformação desse espaço que sofre com a revitalização do mesmo. Não se trata, portanto, apenas de uma construção civil, mas de um dispositivo que foi desenvolvido e é constantemente atualizado, de acordo com o manuseio e ocupação dos atores que contribuem para com o espetáculo esportivo.

Nesse aspecto, o dispositivo opera de acordo com determinadas condutas já previstas, que fazem com que o jogo aconteça e que os torcedores possam usufruir do espetáculo. Assim, dada a capacidade das arenas de propor certas maneiras de ver, ouvir, sentir e consumir o espetáculo esportivo, por meio de hiperestímulos, ela pode ser caracterizada como um dispositivo de hiperexcitação controlada.

Como resultado dessa interação, entre arena e torcedores, o desempenho do dispositivo acontece, a partir das maneiras como os atores agem sobre e respondem a ele. Nas palavras de Braga (2020), os dispositivos estão em constante reajuste, isto é, em constante processo de lapidação em relação a uma urgência que vai tomando novas formas, à medida que as estratégias disposicionais vão sendo aplicadas.

Logo, ainda que o dispositivo tenha sido planejado para funcionar de um certo modo, trata-se de entender que os torcedores irão dar outros sentidos ao dispositivo, à medida que se concentram e são absorvidos pelo espetáculo futebolístico em busca da excitação (Elias; Dunning, 2019).

Entretanto, Braga (2020) atesta a existência de dispositivos “abstratos” e dispositivos “legais”. Os primeiros, seriam aqueles cujos arranjos visam uma organização para um determinado fim estratégico (dispositivo militar, por exemplo), enquanto que os segundos, seriam da ordem da “disposição de normas para definir um dever ser, um modo de agir exigível em determinadas circunstâncias.”, diferenciando-se, portanto, no que diz respeito ao “cálculo de ocorrências” (Braga, 2020, p.

13). Ou seja, enquanto o primeiro é empregado em circunstâncias adversas, o segundo está dado, não necessariamente pronto.

Nesse sentido, os dispositivos arenas se encaixam como dispositivos legais, tendo em vista que dispõem de regras e aparatos técnicos que se dão mediante o comportamento dos agentes que ocupam o dispositivo. Tal asserção vale, portanto, tanto para uma edificação arquitetônica ou um dispositivo eletrônico informacional, como é o caso das redes sociais, haja vista que ambas têm ambiências materiais e empregam normas que visam algum resultado (Braga, 2020, p. 13).

Isto é, referir-se às arenas como dispositivos é reconhecer que essas “são igualmente arranjos que, implantados socialmente, se tornam reconhecíveis para os fins e objetivos a que servem como estratégia.” (Braga, 2020, p. 19).

Todavia, cabe ressaltar que a perspectiva de Braga está em diálogo com a de Foucault. No entanto, o comunicador emprega o termo para referir-se a dispositivos de interação, não tornando determinante os modos de exercício de poder e lógicas das instituições que os operam, pois “onde haja interação, encontramos dispositivos em ação, em experimentação, em ajustes diversificados.” (p. 19).

[...] na busca do entendimento da comunicação, o que possa ser visto como um dispositivo encontra na heurística foucaultiana uma abordagem que favorece entrever a comunicação em ação, seus processos, suas lógicas. A heurística sugere perceber as urgências, apreender objetivos que os participantes desenvolvem conforme seus contextos, observar as estratégias em experimentação, as táticas seletivas, o “perpétuo preenchimento estratégico”, a lenta estabilização, a geração de discursos justificativos (Braga, 2020, p. 20-21).

Braga (2020) argumenta ainda, que o dispositivo foucaultiano pode ser tomado pelos campos científicos de formas distintas. Por um lado, há quem possa identificar um “dispositivo pronto” e problematizar as questões sociais que ali estão expostas. Em contrapartida, no tocante a área da comunicação, interessa-nos os processos, a previsibilidade, embora existam imprevistos.

Isto é, “o que interessa não é o objeto instituído em si, mas as urgências que o originaram e a constituição interacional específica de suas estratégias” (Braga, 2020, p. 21). Em outras palavras, “interessa a busca de uma história que não seja sua auto história (o discurso decorrente, pretendido como se fosse verdade geradora).” (Braga, 2020, p. 21).

Isto posto, reconhecer a heterogeneidade dos agentes presentes num dado dispositivo é crucial, pois nem todos eles estão explícitos e dão a ver, mediante a captação de suas ações e deslocamentos. Outrossim, como aponta Braga, “o discurso pode ser uma marca das lógicas do dispositivo, mas tais lógicas – que mostram o sistema de relações – não foram os determinantes de sua elaboração.” (Braga, 2020, p. 35).

Assim, é necessário considerar que uma mesma urgência ocasiona objetivos diversos e que os atores se diferenciam entre si, assim como também as relações materiais e concretas no arranjo disposicional, que indicarão as experiências as quais os indivíduos irão vivenciar (Braga, 2020).

Assim, sem parti pris, é preciso examinar – em cada situação – como os processos comunicacionais fazem estacionar as coisas, evitando modificações, produzem rupturas, asseguram continuidade e descontinuidade, fazem avançar ou recuar, transformam, experimentam, inventam. Em situações opressivas, disciplinares, de controle – mas também nas táticas de resistência, de sobrevivência e de renovação. Como fazem diferenças funcionarem em harmonia, mas também como produzem e exacerbam diferenças. Ou, mais exatamente, como nós, seres humanos, fazemos isso tudo acionando nossas possibilidades comunicacionais. Por isso, é preciso perceber continuidades e descontinuidades, sistemas instituídos e processos geradores (Braga, 2020, p. 37).

Nessa visada constituída por Braga, na intenção de postular a ideia de dispositivo interacional, fica claro que há, como o mesmo aponta, “duas continuidades diversas – a do exercício de poderes e a da necessidade dos processos interacionais”, além de, “duas flexibilidades de diferente processualidade – a do ajustar para manter uma situação e

a da variação para buscar outras pertinências para necessidades e urgências não atendidas.” (Braga, 2020, p. 39).

Em suma, os apontamentos de Braga são cabíveis e reveladores da processualidade temporal do objeto deste estudo, a Arena MRV, na medida que as antigas praças esportivas não deixaram de ser também dispositivos, — dispositivos antecessores que receberam novas modulações e arranjos disposicionais diante do fenômeno da arenização dos estádios.

Tendo em conta que o espetáculo esportivo é um fenômeno social atravessado por relações comunicacionais, e a arena, é um meio de comunicação que propicia essas conexões, é possível, então, caracterizar as arenas de futebol como ambientes atmosféricos multilineares, compostas por diferentes naturezas, que transitam por toda a infraestrutura do dispositivo, travando disputas e traçando novos processos e sentidos.

A vista disso, o funcionamento da arena se dá a partir de uma extensa rede de atores, indo além do controle e da vigilância dos corpos, pois trata-se também de propor imersão e experiências aos torcedores, a partir de hiperestímulos.

Entretanto, cabe destacar que não são todos os torcedores que possuem capital econômico para usufruir do espaço das arenas multiuso, uma vez que, há uma seletividade de público destinado ao projeto de arena.

Tal seletividade é demonstrada através dos recursos utilizados pelos clubes e gestores das arenas para capitalizar os torcedores, seja por meio da plataformização de compra de ingressos, programas de fidelidade, localização, carência de transportes públicos e mobilidade segura, para citar alguns.

Ademais, diante deste contexto, cabe pensar que as plataformas orientam as ações dos indivíduos desde o momento que o torcedor faz a compra do seu ingresso e compartilha os seus dados pessoais. Porém, ainda que essas ferramentas podem ser lidas como mecanismos de

controle e vigilância, que em um primeiro momento projetam sensações de liberdade e democratização, acabam por excluir torcedores que não possuem acesso à internet, recurso base e crucial, que compõe e potencializa a experiência do torcedor quando nas arenas (Neyland, 2019).

Ou seja, “estar conectado” é essencial para consumir inteiramente o espetáculo, seja para adquirir artefatos do clube como camisas, bonés e copos temáticos, seja para interagir com o dispositivo por meio do telão ou para o consumo de bebidas e comidas.

Melgaço (2020), por sua vez, articula a presença da tecnologia no esporte futebol a partir da introjeção do VAR, tecnologia cujo discurso está amparado numa modernização do esporte, como um recurso auxiliar para o aperfeiçoamento da prática, a fim de anular possíveis injustiças, ao mesmo tempo que, como uma ferramenta que fragmenta o esporte, tornando-o inacessível.

O autor traz a debate, a emergência e implementação desse objeto técnico no espetáculo esportivo e como ele foi lido pelos diferentes agentes do espetáculo, a saber: a Federação Internacional de Futebol (FIFA), os clubes, os torcedores, os investidores e os patrocinadores (Melgaço, 2020).

De acordo com Melgaço (2020), os interesses entre esses agentes divergem, de modo que a presença do VAR em um primeiro momento soou como positiva e negativa, simultaneamente. Por um lado, o autor observou que os discursos reconheciam a contribuição do artefato para a redução de infrações e falhas dos humanos, mas que, por outro, ancorava-se também nas incertezas e interpretações subjetivas de um lance (Melgaço, 2020).

O próprio discurso da FIFA, segundo Melgaço (2020), é contraditório em relação à implementação da tecnologia no esporte futebol. Uma vez que, a princípio, como destaca o autor, a FIFA era contrária à implementação do VAR, pois havia a incerteza de que essa ação transformaria o futebol, a ponto de ele ser desvalorizado, ao mesmo

tempo que, o público, majoritariamente popular, seria afastado dos eventos.

No entanto, Melgaço (2020) reforça que o VAR é uma ferramenta técnica valiosa e vendida pela FIFA, uma vez que a própria “se esforça para controlar o universo técnico, econômico e político do futebol contemporâneo.” (2020, p. 30).

Além do VAR, outros dispositivos são alçados como moedas pela instituição, é o caso do Megaevento Copa do Mundo Fifa Masculina, que mobiliza públicos e audiências diversas não só no país sede, mas também audiências pelo mundo afora, mediante uso de tecnologias e mídias que, como destaca o pesquisador, tendem a intensificar “em frequência e maldade”, por meio da “implementação de infraestrutura para organizar materialidades que conformam seu dispositivo midiático.”, a realidade de um país (Melgaço, 2020, p. 28).

É o caso da Arena MRV, que ao contrário das Arenas construídas no Brasil para fins de sediar eventos em escala global, foi erguida num contexto outro, a ascensão das Sociedades Anônimas de Futebol (SAFs), bem como a conflitos de interesses, no tocante à gestão pública da cidade de Belo Horizonte e as contrapartidas sociais e ambientais da sua construção, que serão melhor detalhadas e discutidas no próximo tópico.

### **As arenas contemporâneas como paradigmas das práticas torcedoras, o caso Arena MRV**

O projeto das arenas de futebol contemporâneas, — que nos últimos 30 anos vem se impondo frente aos antigos estádios como paradigma para as práticas esportivas e torcedoras em um contexto capitalista de maximização de lucros — surgem de uma urgência.

É essencial, nesse sentido, delinear os estudos sociológicos cunhados em fins do século XX, que buscavam elucidar a relação do futebol com a violência social presente no exercício do torcer, como também na esfera pública. Dessa forma, cabe destacar que o debate sobre os estudos futebolísticos tem

importante notoriedade na Inglaterra, a partir da Escola de Leicester, que constituiu, a partir de Norbert Elias e seu principal orientando, Eric Dunning, um vasto arsenal histórico-sociológico, seja no tocante a violência no esporte, seja no que diz respeito a busca pela excitação que o esporte proporciona como vias para se compreender o processo civilizatório (Elias; Dunning, 2019).

O esporte é o objeto central a que Elias e Dunning (2019) se debruçam, a fim de compreender o processo civilizacional, somado a outro pilar investigativo de enorme valor para os sociólogos, a excitação proporcionada e desencadeada na prática esportiva e torcedora.

Assim, o processo civilizacional está atrelado a manutenção das práticas torcedoras e os estádios são vistos como dispositivos onde a excitação pode ser presenciada, ao passo que também controlada. Este fato enuncia os primeiros debates acerca do fenômeno da arenização e corresponde às próprias lógicas do processo civilizatório discutido por eles, pois a construção das novas arenas está fadada ao controle, monitoramento e docilização dos corpos dos indivíduos em prol de uma sociedade civilizada (Elias; Dunning, 2019).

Todavia, cabe a ressalva de que as perspectivas de Elias e Dunning (2019), com especial destaque para a teoria do processo civilizacional desenvolvida por Elias, parte da ideia de que a violência é intrínseca ao ser humano, excluindo-se, em grande medida, os aspectos sociais, políticos e demais dispositivos que amparam a vida em sociedade.

Por conseguinte, outro aspecto a se destacar no trabalho empreendido pelos autores é o fato de suas pesquisas não serem realizadas em contato com os torcedores. Isto é, não há uma metodologia específica, como a etnografia que sustente a visada empreendida pelos sociólogos. Ademais, a discussão a respeito do processo civilizacional parte de um ponto geográfico, a Europa, reforçando, a grosso modo, um olhar colonial a respeito das sociedades fora desse perímetro geográfico.

Entretanto, no que diz respeito a busca por prazer discutida por Elias e Dunning (2019), esta está atrelada, segundo apontam, ao desejo dos sujeitos de fugir do cotidiano monótono, dado que o esporte e as

práticas de lazer, despertam nos indivíduos emoções não presenciadas em outros espaços da vida em sociedade.

Desse modo, os estádios são vistos como espaços onde intensidades subjetivas podem ser realizadas e são permitidas socialmente, ainda que possam suscitar, em mesmo grau, violências. Contudo, mesmo nesses espaços onde o indivíduo pode “descarregar” suas energias e emoções, é preciso cautela e, por esta razão, mecanismos de combate à violência e que proporcionam segurança e vigilância, compõem estas edificações (Elias; Dunning, 2019).

À exemplo, tem-se o fenômeno do hooliganismo que ganhou grande destaque na década de 1960 e, posteriormente, em 1980, recebeu ainda mais notoriedade pública em decorrência do desastre de Hillsborough, ocorrido na cidade de Sheffield, em 1989, — tragédia marcada pela morte de 96 torcedores, devido a superlotação e a má gestão policial (Hollanda, 2021).

Tal tragédia suscitou o relatório Taylor Report, aberto um ano depois do incidente, primordial para as mudanças no esporte que se sucederam, principalmente no que diz respeito às legislações e normas sobre como o torcedor deve se portar durante o espetáculo, e a necessidade de remodelação arquitetônica dos estádios.

É importante deixar claro, como faz Hollanda (2021), que o relatório Taylor Report não foi o primeiro documento do Estado sobre o assunto. Uma série de outros oito documentos já haviam sido promulgados em decorrência das brigas dos torcedores, não só nas imediações dos estádios, mas também em espaços públicos e transportes públicos (Hollanda, 2021).

Em vista disso, o que estes documentos propunham como estratégia de enfrentamento à questão do hooliganismo passava por uma série de reformas e implementação de diferentes artefatos de tecnologias de comunicação e informação, — tais como catracas eletrônicas, câmeras de vigilância, etc. Estas medidas visavam facilitar a contenção de incidentes de violência; controlar a capacidade máxima de público nestes espaços, de forma a evitar sua superlotação; separar, individualizar e reconhecer torcedores reincidentes em atividades violentas, entre outras.

Assim, o erguimento de novas arenas e reformulação dos antigos estádios, veio acompanhado de regulamentações, leis e protocolos de segurança que buscavam lidar com o público, gerenciar a chegada do torcedor nos locais de jogo, entre outros objetivos.

Por conseguinte, podemos identificar, a partir do contexto em que as mudanças nas práticas esportivas e torcedoras passaram a ser alteradas, que a urgência da questão da violência seguiu-se de uma "revitalização" dos estádios, proposta como solução arquitetônica, política e tecnológica para o problema.

No processo de organização dos torcedores, percebidos agora como público pagante de ingressos, as arenas prometem e entregam uma experiência esportiva do futebol de maior conforto do que aquela proposta pelos antigos estádios. Como consequência, há um substancial aumento no preço dos ingressos cobrados para o jogo, o que redundará em um aumento dos lucros pelos clubes e impulsiona um novo modelo de exploração econômica do esporte, já iniciado nas décadas anteriores, a partir da comercialização da Copa do Mundo Masculina pela Fifa, como grande espetáculo midiático transmitido ao vivo para diferentes partes do mundo.

Outrossim, o contexto político e social da época, com destaque para o governo de Margareth Thatcher no Reino Unido, contribuiu para a aceleração jurídica, econômica e política, primordial para pôr em andamento os protocolos de arenização dos estádios ingleses que, posteriormente, veio a se globalizar (Hollanda, 2021).

Sobre os debates acerca do hooliganismo, esses se tornaram apropriados por outros estudiosos em diferentes localidades do mundo, como uma tentativa de compreender a violência que não era particular da Europa. É o caso do Brasil, cujos estudos, sobretudo os antropológicos, vão se debruçar sobre o fenômeno das torcidas organizadas (Reis; Lopes; Martins, 2015).

O campo da Antropologia aparenta sustentar uma certa hegemonia de estudos sobre o fenômeno da violência no contexto esportivo brasileiro, muitas vezes associados às torcidas organizadas pelos veículos midiáticos. Tais pesquisas, grosso modo, tendem a fazer um movimento oposto ao da mídia, ao

defenderem a honra e idoneidade das torcidas organizadas, uma vez que a responsabilidade da violência no futebol brasileiro não está associada intrinsecamente aos agrupamentos torcedores, mas relacionado a inúmeros fatores que atravessam a sociedade (Mandelli, 2018; Hollanda, 2021, Santos, 2016b).

Tal argumento pode ser melhor sustentado considerando-se os conflitos de interesses entre os coletivos de torcedores organizados e as diretorias dos clubes, melhor elucidados na própria arquibancada, cuja disputa por território é melhor demarcada e onde, segundo defende Marra (2023), as torcidas de um mesmo clube, não cantam em uníssono.

Ainda assim, são os torcedores organizados que resistem e manifestam seus descontentamentos em decorrência da arenização dos estádios e pelo direito de todos os demais torcedores de participarem do espetáculo, que atualmente possui um recorte amplamente voltado para os interesses do mercado esportivo local e/ou mundial.

No que se refere ao contexto brasileiro em torno da implementação das arenas modernas, elas começam a ser implementadas de maneira mais intensa e em um período curto de tempo, em decorrência da Copa do Mundo Masculina de 2014 e as Olimpíadas de 2016.

Entretanto, segundo aponta Mascarenhas (2015), os estádios brasileiros já vinham sofrendo mudanças há uma década. De acordo com o geógrafo, inicialmente, as praças esportivas brasileiras, em meados do século XX, foram construídas visando um “gigantismo”. Depois, no final do mesmo século, orientados pelo modelo europeu, passou a reduzir a capacidade de lotação (Hollanda; Medeiros, 2019).

Inaugurado em 1999, o estádio do Club Athletico Paranaense, a Arena da Baixada, em Curitiba, foi o primeiro exemplo do que estava por vir. A remoção das arquibancadas conhecidas como “gerais” do Maracanã em 2005 e do Beira-Rio, em 2004, foram outros exemplos que anunciavam a nova fase dos estádios no país (Mascarenhas, 2015).

Assim, diferentemente do que defende Rampazzo (2021), a reformulação das antigas praças esportivas não aconteceu em virtude da eleição do Brasil

para sediar a Copa do Mundo Masculina de Futebol 2014 como parece, e sim, que o processo de arenização dos estádios já vinha acontecendo antes mesmo do início do século.

Em vista disso, um novo padrão de estádios, que oferece um outro tipo de experiência, conforto e segurança, instalou-se no país, viabilizando uma nova forma de exploração do esporte futebol, antes não oferecida, mas que, não se diferem quando se trata da democratização desses ambientes.

Destarte, vale pontuar que há um número relevante de trabalhos acadêmicos que articulam o fenômeno de arenização dos estádios e as mudanças que se sucederam, principalmente no tocante a experiência torcedora nas arquibancadas das novas arenas e nas imediações desses espaços.

É o caso do trabalho da antropóloga Mariana Mandelli (2018) sobre a arena do Palmeiras, localizada na cidade de São Paulo, que foi inicialmente revitalizada com fins de sediar jogos da Copa do Mundo Masculina de 2014, mas não foi utilizada para tal fim. Outros trabalhos que merecem destaque são os de Hollanda e Medeiros (2019), que discutem o fenômeno sob a ótica das torcidas organizadas dos clubes da cidade de São Paulo; o trabalho de Mascarenhas (2015), que evidencia a exclusão de torcedores de baixo poder aquisitivo nas arenas modernas, encaradas como “vitrines” para uma “cidade-espetáculo”.

Além desses, destacam-se ainda, as pesquisas de Pinheiro (2021), a respeito da dimensão simbólica das praças esportivas e a guinada antifascista em decorrência da efervescência política de 2014, assim como o trabalho de Rampazzo (2021), sobre os efeitos da arenização dos estádios como prerrogativa para o fim de práticas torcedoras, outrora orquestradas nas arquibancadas brasileiras.

Tais estudos, em certa medida, evidenciam e demarcam claramente diferenças entre as práticas torcedoras engendradas no Brasil em relação a outras localidades do globo. Além disso, são reveladoras de que o projeto e o modelo de arena fabricado na Europa e importado pelo país,

quando em contato com a cultura torcedora brasileira, recebeu novos códigos e apropriações.

No tocante a “Casa do Galo”, como é descrita a Arena MRV pelos torcedores atleticanos, esta começou a ser erguida em meados de 2020 na cidade de Belo Horizonte, após o terreno ser doado por um dos mecenas do clube, o empresário Rubens Menin, em 2014.

A Arena MRV<sup>1</sup> conta com uma infraestrutura moderna de preencher os olhos, com capacidade para cerca de 47 mil espectadores, além de ser equipada com as mais modernas tecnologias e a promessa de oferecer conforto, segurança, sustentabilidade e acessibilidade.

O espaço foi construído a fim de substituir o Estádio Independência, que era locado pelo clube mineiro para mandar seus jogos. Mais que isso, a obra se tornou uma oportunidade para que o clube gerasse mais receita, dada a multifuncionalidade do espaço, que abriga não só jogos de futebol, mas também eventos culturais. Para mais, permitiria que a marca do clube se fortalecesse, posto que, um estádio moderno e bem localizado atrai receitas, investidores e patrocinadores.

No entanto, a construção da arena alvinegra foi mediada por outros conflitos de interesses, que vão além da marca do clube ou do desejo do público de ter um outro equipamento cultural na cidade: os interesses comerciais e imobiliários ligados à região onde a Arena MRV foi erguida, a julgar pela valorização econômica que tal empreendimento desta dimensão trouxe para o entorno, bem como o fato do espaço ser plano e abrigar duas nascentes e um córrego, motivo que tornou o empreendimento de interesse público e privado, haja visto a necessidade de se construir um edifício plano, dado as condições do terreno.

Cabe recordar que Belo Horizonte possui outros três equipamentos: o Mineirão, o Mineirinho e a já citada Arena Independência. Nesse sentido, não haveria necessidade de se construir mais uma, dado às questões de mobilidade

---

<sup>1</sup> A construção da Arena MRV: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Arena\\_MRV](https://pt.wikipedia.org/wiki/Arena_MRV). Acesso em: 03 out. 2024.

urbana que a cidade possui, principalmente no que diz respeito a Arena MRV ser localizada do outro lado da cidade, na divisa entre Belo Horizonte e Contagem, forçando, conseqüentemente, os torcedores a um maior deslocamento.

Dessa forma, a construção da arena implicou pensar logísticas no que diz respeito ao transporte público da cidade de Belo Horizonte, cujas linhas de metrô e de ônibus não contemplam as necessidades dos torcedores e dos transeuntes. Por estar localizada em frente a via Expressa e a estação mais “próxima” do metrô, a Estação Eldorado, a cerca de dois quilômetros de distância, o torcedor precisa, literalmente, andar pela rodovia em meio ao fluxo de carros.

Apesar disso, o clube desenvolveu um programa que conecta o torcedor alvinegro até a Arena MRV, o “Conexão Arena MRV<sup>2</sup>”, que oferece ônibus executivos em pontos por toda a cidade, no valor fixo de cinquenta reais, no sistema de leva e traz. No mais, a arena conta com um amplo estacionamento que precisa ser reservado pelo torcedor dias antes da partida. Além disso, o estádio conta também com restaurantes que vendem desde bebidas alcoólicas à tropeiro e sanduíche gourmet, em um sistema de fichas.

No que tocante às Sociedades Anônimas de Futebol (SAFs), elas representam um modelo de gestão, com vistas a aperfeiçoar, organizar e atrair investimentos privados, capazes de reformular todo o aparato estrutural e esportivo das agremiações (Santos *et al.*, 2022; Brandão *et al.*, 2024).

No contexto brasileiro, os clubes são geridos tradicionalmente como Associações sem fins lucrativos, ou como é cultuado no imaginário do torcedor, estes são os reais proprietários simbólicos de seus clubes (Santos *et al.*, 2022).

Quando as SAFs são incorporadas, inicialmente com o objetivo de liquidar as dívidas dos clubes, essa lógica muda radicalmente, pois os investidores passam a gerir não só a administração, mas também aquilo que o clube representa.

---

<sup>2</sup> Serviços oferecidos pela Arena MRV: <https://www.arenamrv.com.br/>. Acesso em: 03 out. 2024.

Convém mencionar que as SAFs são inspiradas em modelos de gestão europeus, as SADs (Sociedades Anônimas Desportivas) (Santos *et al.*, 2022). Assim, os clubes têm o aval para vender seus patrimônios a investidores diversos, de modo que a gestão se torna conjunta, facilitando a entrada de novas fontes de receita capazes de suprir as necessidades do time, seja no tocante o financeiro, seja no que diz respeito à competitividade em campo, por meio da contratação de jogadores e comissão técnica, com vistas a melhorar potencialmente a competitividade esportiva da equipe (Santos *et al.*, 2022; Brandão *et al.*, 2024).

Entretanto, não são todos os clubes que têm adotado o modelo de SAFs, dado, por um lado, os desafios no campo jurídico e, por outro, a resistência torcedora diante de uma indústria que funciona tradicionalmente por meio do associativismo clubístico (Santos *et al.*, 2022).

Em síntese, tal modelo de gestão é novo no país e tem gerado inúmeros debates, tanto no que concerne aos benefícios e os desafios, principalmente em relação à identidade torcedora, muitas vezes ignorada pelos investidores, assim como a própria administração dos clubes-empresas, que não tem dado resultados em campo, como a falta de títulos.

O caso atleticano é um exemplo disto. A Galo Holding S.A., como é conhecida a SAF alvinegra foi implantada em 2023, permitindo que investidores obtivessem porcentagens de ações do clube, objetivando atrair capital e restaurar as condições financeiras da equipe mineira, uma vez que o clube estava enfrentando dificuldades.

A adoção do modelo de SAF foi aprovada pelos conselheiros atleticanos, apesar da resistência de algumas alas da torcida, sob a justificativa de perda da identidade e o domínio do clube e seus patrimônios por investidores.

Outrossim, o projeto da SAF do Galo foi idealizado em 2020, contudo, em 2021, o projeto enfrentou entraves e teve de ser revisto, até ser aprovado em 2023. Quando aprovado, o principal patrimônio do clube, a Arena MRV, que já vinha sendo construída antes da implementação da nova gestão, passou a ser gerida pela SAF, o que contribuiu também para a escolha dos *naming rights*,

cujos nomes estão atribuídos à empresa de seu principal investidor, a MRV Engenharia.

De acordo com Mascarenhas (2015), às arenas contemporâneas e os estádios de outrora, podem ser caracterizados como objetos geográficos que visam transformar a paisagem urbana das grandes cidades e, conseqüentemente, transformar as práticas de uso do espaço público e a própria maneira de se vivenciar a cultura esportiva.

Tais espaços multifuncionais não estão, portanto, relacionados apenas ao espetáculo esportivo, mas também as dinâmicas de planejamento das cidades, cada vez mais suscetíveis a parcerias público-privadas, uma visada empreendedorista de administrar os grandes centros (Mascarenhas, 2015).

Segundo denuncia o geógrafo, a escolha deste modelo de gerenciamento das cidades acarreta o reordenamento dos espaços, como também a segregação ou “insularização” dos seus cidadãos (Mascarenhas, 2015, p. 7). Isto é, para a construção destes equipamentos, são os menos afortunados que sofrem as maiores conseqüências do reordenamento espacial.

Ou seja, ao mesmo tempo que as arenas entregam beleza, sofisticação, conforto e segurança por um lado, sobretudo, por meio do discurso da grande mídia, geram, à vista disso, uma divergência no que diz respeito ao funcionamento da própria Arena e dos moradores de seu entorno.

No que concerne às incursões à Arena MRV, como colaboradora de pesquisa junto ao Coletivo Marta (UFMG) e o Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT/UFMG), foi possível observar, a grosso modo, que o dispositivo Arena MRV possui uma infraestrutura técnica que visa proporcionar uma atmosfera eletrizante para o torcedor, promovendo desde shows pirotécnicos que acontecem nos pré-jogos, à shows de luzes nos intervalos das partidas, bem como pelos serviços prestados na edificação, como: acessibilidade e segurança, venda e consumação de bebidas e alimentos.

No entorno da arena, a festa fica por conta dos torcedores organizados e das barracas que vendem desde comida a artefatos do clube na esplanada. Além dos bares que fazem alusão às cores da agremiação alvinegra e dos muros no

entorno do estádio que possuem pichações que remetem a identidade atleticana.

Quanto a parte interior da Arena, é possível aferir, desde já, que ela oferta estímulos aos torcedores durante todo o tempo de jogo. Isto é, o dispositivo oferece ferramentas para que o torcedor atleticano vivencie o jogo da melhor forma possível, seja pelas tecnologias visuais ou sonoras, seja também através do consumo, afinal, o consumo é quase como um critério para participar do evento.

Como discute Gumbrecht (2023), o estádio pode ser lido como um palco propício para que os rituais de intensidade aconteçam, mas esses rituais só acontecem por meio de estímulos, sejam eles quais forem, desde técnicas à consumo de bebidas alcoólicas, por exemplo. Para o autor, “o estádio como ritual de intensidade” está atrelado a experiência torcedora, especificamente às corporalidades, coreografias, gritos e cânticos das torcidas.

No entanto, para além do que empreende Gumbrecht (2023) e considerando as idas a campo no primeiro semestre de 2024, foi possível perceber que a atmosfera do espetáculo esportivo não se dá apenas por meio das arquibancadas, mas também pelo que o dispositivo arena oferece ao torcedor para que ele seja estimulado, numa espécie de retroalimentação, sendo a arena o meio/canal que abastece o torcedor, que, por sua vez, abastece os jogadores em campo e vice-versa.

Para Hagood e Vogan (2016), as arenas esportivas tendem a canalizar a produção de som e demais corporalidades dos torcedores, a fim de expandi-la em prol da atmosfera do jogo, favorecendo, dessa forma, o time da casa. Assim sendo, o ambiente espacial só é vivido pelos torcedores, à medida que a arena reflete esta cultura de arquibancada, seja por meio de ruídos, mensagens no telão e nas placas de *led*, posicionadas em toda a edificação, como é o caso da Arena MRV.

Inclusive, tais placas, conhecidas como “*ring leds*”, tendem a mostrar o cronômetro e placar do jogo, mensagens de patrocinadores, os cânticos tradicionais das torcidas e versos do hino do clube. Além disso, a Arena MRV

conta com um locutor, que além de anunciar avisos e substituições próprios da partida, também entoa gritos de “gol” e estimula o torcedor a vibrar.

A Arena MRV, portanto, pode ser interpretada como um dispositivo de hiperexcitação controlada que não está estabilizado, pois se mostra em tensão com os interesses do público, seja pelos preços praticados dentro do estádio em relação ao consumo de bebidas e alimentos, visto pelos torcedores como “abusivos” ou “caros”; pelo espaçamento dos assentos que são apertados e dificultam com que o torcedor desenvolva suas coreografias; seja também pela acústica da arena que não oferece o uníssono e caldeirão desejado pelo torcedor, ou à visão do campo de jogo, que possui “pontos cegos” nas arquibancadas superiores.

Nesse sentido, o dispositivo Arena MRV promete inúmeras comodidades ao torcedor, mas também ao cidadão belo-horizontino, no que diz respeito a projetos de sustentabilidade e urbanização, mas que, no entanto, ainda não foram de todo colocados em prática.

### **Considerações finais**

Em síntese, associar a arena esportiva ao conceito de dispositivo, nos permite observar as materialidades comunicacionais que o compõem, desde equipamentos sociotécnicos, práticas torcedoras, suportes de criação, emissão e recepção de discursos, não restringindo o dispositivo a ele mesmo.

Ao considerarmos o torcedor como produtor do espetáculo, mediante os hiperestímulos que a arena oferece, enxergamos uma possibilidade de analisar o dispositivo para além do ponto de vista da vigilância, como diria Foucault a respeito do panóptico; ou do controle, como diriam os deleuzianos sobre as redes digitais.

Com relação a Arena MRV e as incursões em campo até o momento, foi possível observar que o equipamento tem gerado algumas controvérsias, para além das que foram citadas neste trabalho, mas que estão sendo desenvolvidas e discutidas de forma mais ampla na dissertação.

Ademais, o fenômeno de arenização tem sofrido inúmeros desdobramentos no contexto brasileiro e o caso da Arena MRV é um deles. Como um dispositivo de hiperexcitação controlada, a Arena MRV tem buscado não só docilizar os corpos ali presentes, a fim de amplificar a experiência de um tipo de futebol, o futebol moderno, mas também capitalizar a cultura de arquibancada, com vistas a potencializar os lucros dessa atividade de lazer de um ponto de vista econômico e que, sem dúvidas, interfere na apropriação do espaço pelos torcedores, e na gestão de planejamento urbanístico da cidade de Belo Horizonte.

## REFERÊNCIAS

ALZAMORA, G. C.; ZILLER, J.; D'ANDREA, Carlos F. Mídia e dispositivo: uma aproximação. In: LEAL, Bruno; CARVALHO, Carlos Alberto; ALZAMORA, Gean. (Org.). *Textualidades Midiáticas*. 1 ed. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, v. 1, p. 59-82, 2018.

BRAGA, José Luiz. *Uma conversa sobre dispositivos*. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2020.

BRANDÃO, E. O.; ARAÚJO, F. K. F.; MONTEIRO, V. B. TRANSIÇÃO PARA A SOCIEDADE ANÔNIMA DO FUTEBOL: CONTEXTO INTERNACIONAL E OPINIÕES. *REVISTA FOCO*, [S. l.], v. 17, n. 1, p. e4170, 2024.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação: desporto e lazer no processo civilizacional*. Coimbra: Edições 70, 2019.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Tradução: Raquel Ramallete. 27. Ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. 2021. *Torcidas: O estádio como ritual de intensidade*. Tradução: Nicolau Spadoni. São Paulo: Editora Unesp, 2023.

HAGOOD, Mac; VOGAN, Travis. The 12thMan: Fan Noise in the Contemporary NFL. *Popular Communication: The International Journal of Media and Culture*, v. 14, n. 1, p. 30-8, 2016.

HOLLANDA, Bernardo B. Buarque de; MEDEIROS, Jimmy. De “pais do futebol” a “pais dos megaeventos”: um balanço da modernização dos estádios brasileiros sob a ótica das torcidas organizadas da cidade de

São Paulo. *Recorde: revista de história do esporte*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 1-27, 2019.

HOLLANDA, Bernardo B. Buarque de. Os estudos do futebol na Inglaterra: um balanço bibliográfico da produção acadêmica sobre hooliganismo. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 14, n. 35, p. 289–318, 2021.

MANDELLI, Mariana Carolina. *Allianz Parque e Rua Palestra Itália: práticas torcedoras em uma arena multiuso*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

MARRA, Pedro Silva. POR QUE TORCIDAS ORGANIZADAS DE UM MESMO TIME NEM SEMPRE CANTAM EM UNÍSSONO NO BRASIL? – VIOLÊNCIA, POLÍTICAS SÔNICAS E PRÁTICAS TORCEDORAS. *Recorde: Revista de história do esporte*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 1-24, 2023.

MASCARENHAS, Gilmar. “Pacificação e exclusão: o estádio de futebol na produção da cidade-espetáculo”. In: XVI ENANPUR, 2015, Belo Horizonte. *XVI ENANPUR - Sessões Temáticas*. Belo Horizonte, v. 1. p. 1-14, 2015.

MELGAÇO, Leonardo José de Lima. *VAR: atualizações disposicionais durante a Copa do Mundo FIFA 2018*. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

NEYLAND, Daniel. *Introduction: Everyday Life and the Algorithm*. Londres: University of London, 2019.

PINHEIRO, C. Lucas Moraes. O sequestro dos estádios de futebol: a dimensão simbólica das novas arenas e a guinada antifascista transnacional nas torcidas. *Locus: Revista de História*, [S. l.], v. 27, n. 1, p. 338–364, 2021.

RAMPAZZO, G. F. O Fim da Festa e da História: Os efeitos da arenização nos estádios e arenas de futebol. *Revista Averso: Pensamento, Memória e Sociedade*, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 1–25, 2021.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos; LOPES, Felipe Tavares Paes; MARTINS, Mariana Zuaneti. AS EXPLICAÇÕES DE ERIC DUNNING SOBRE O HOOLIGANISMO À LUZ DO CONTEXTO BRASILEIRO: UMA REFLEXÃO CRÍTICA. *Movimento*, v. 21, n. 3, p. 617-632, 2015.

SANTOS, Irlan Simões. Mercantilização do futebol e movimentos de resistência dos torcedores. *Esporte e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 27, p. 1-18, 2016a.

\_\_\_\_\_, Irlan Simões Cruz. For the love, not the money: futebol, produção do comum e direito à cidade. *Lugar Comum*, Rio de Janeiro, n. 48, p. 120-144, 2016b.

\_\_\_\_\_, Irlan Simões; FERREIRA, Jonathan; PISANI, João Ricardo. Futebol, negócio e globalização: clubes brasileiros na nova era do multi-club ownership. *Revista do Departamento de Geografia*, São Paulo, Brasil, v. 42, p. e203847, 2022.

Jornalista formada pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM/UFOP), com bolsa concedida pela instituição. Faz parte do Grupo de Pesquisa Ateliê de Sonoridades Urbanas (UFES) e compõe as equipes de colaboradores dos grupos de pesquisa: Coletivo Marta (UFMG) e GEFuT (UFMG). Email: [lopes.gabrielagomes@gmail.com](mailto:lopes.gabrielagomes@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-8643-7658>.